

Maldição sem-fim do museu do índio

Passados nove anos da pajelança indígena, o prédio circular em frente ao Memorial JK continua seu destino incerto e confuso

Newton Araújo Jr.
Da equipe do **Correio**

Uma sombra incômoda e permanente ronda o edifício em frente ao Memorial JK. O belo prédio circular — projetado por Oscar Niemeyer e erguido para abrigar o Museu do Índio — até hoje não encontrou paz e efetiva utilização. Foi, por curtos períodos, Museu de Arte Moderna, Museu de Brasília e sede do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHGDF). Esteve, ainda, cogitado para sediar a Câmara Legislativa e, finalmente, reconsiderado como Memorial dos Povos Indígenas, que receberia a coleção de objetos índios dos antropólogos Darcy Ribeiro e sua mulher, Berta Galvão. Mas a verdade é que até hoje o lugar simplesmente não deu certo.

Reza a lenda, há uma maldição no prédio. Mandinga brava. Em 1989, houve pajelança das tribos indígenas. Estavam indignadas por supostamente Niemeyer ter dito que o prédio ia ficar bonito demais para abrigar coisa de índio. Os bravos guerreiros mandaram ver na magia, ainda quando o lugar era só um canteiro de obras. O feitiço parece ter funcionado.

“Nunca disse uma besteira dessas”, nega o arquiteto Oscar Niemeyer, referindo-se à frase sobre ser bonito demais para abrigar os índios. “A verdade é que o projeto não compreendia a série de salas propostas por Berta Galvão”, explica Niemeyer. O construtor de Brasília está insatisfeito com a série de mudanças feitas em Brasília sem que ele tenha sido consultado.

A pajelança foi desfeita em 1995, mas o prédio continua um enigma. Nunca houve um lugar para ter tanta data de reinauguração. Só neste ano, disseram que o prédio reformado seria entregue em 21 de abril, 18

de maio e meados de setembro. Agora há nova previsão: 1ª quinzena de dezembro. “Mas só fixaremos data em comum acordo com os índios”, diz Fátima de Deus, coordenadora de Museus da Secretaria de Cultura.

Ressabiada com tantas idas e vindas do museu, Fátima reza para ver o projeto pronto ainda esse ano. “Será a minha maior alegria em quatro anos de governo”, diz. E pede pelo amor de Deus para não polemizar o assunto. Difícil, já que a questão é polêmica por si só.

O projeto promete se arrastar. A mais nova reforma física, iniciada em fevereiro, já consumiu R\$ 280 mil e ainda precisa de mais R\$ 150 mil para conclusão. “A secretaria da Fazenda deu um parecer atravessado, dizendo que não tem dinheiro. Vai depender da vontade do governador”, diz Fátima.

Outra verba — essa de R\$ 300 mil, destinada à concretização do projeto museológico —, também está difícil de sair. A Petrobras, que financiará o Memorial pela Lei de Incentivos Culturais, até hoje não terminou a minuta de contrato com o GDF. Nem há prazo previsto para entregar o dinheiro.

Essa parte também tem suas complicações. A ONG Território Cultural, de São Paulo, encarregada de captar os recursos de patrocínio, teve de ser substituída por apresentar problemas de prestação de contas com o Ministério da Cultura (MinC). Em seu lugar entrou o Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), de Brasília. “A Petrobras não quer pressão no caso. Mas eles lá no Rio não estão vivendo o problema na pele”, diz Maria Carmem Souza, coordenadora do NAC.

A mandinga dos índios foi tão forte que o feitiço parece ter virado contra os feitiçeiros. A consultora paulista Viginia Valadão, encarrega-

Zulika de Souza 10.4.98



A longa história do Museu dos Povos Indígenas continua incerta: ninguém sabe quem é responsável pelo que nem se os índios vão dirigir o museu

da do projeto museográfico, morreu antes de começar o trabalho. Seu marido, Vincent Carelli, é quem a substituirá, mas até hoje não fez nada. “Estou esperando uma definição do GDF”, diz ele. E a curadora da exposição permanente, a também paulista Roseli Nakagawa, está sem tempo disponível para se ocupar com o projeto até fins de novembro.

Instituições ligadas aos índios

como a Fundação Nacional do Índio (Funai), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e o Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil (Copaib) estão no momento fora do projeto. “Os índios estão cabreiros com essa história”, reconhece Fátima de Deus.

Se tudo der certo — façam figas — e o Memorial for mesmo inaugurado

no início de dezembro, uma nova confusão se armará em torno do assunto. A presença de índios na direção do museu. Quem entende da área, mas não quer aparecer, garante que os índios não se entendem sobre o tema. E que o candidato ao governo Davi Terena teria entrado na disputa para ganhar credibilidade e ser diretor do Memorial. Durma-se com um barulho desses.